

XI) No Centenário do Armistício: os Açores em 1918

Nos cem anos da Pneumónica, Influenza ou gripe “Espanhola”



Por: Sérgio Rezendes

Doutor em História Insular e Atlântica (séculos XV – XX)

Enquanto decorria o combate à pandemia em São Miguel em outubro e novembro, iniciou-se um processo que varreu as ilhas em direção a oeste provocando alterações diárias. O Depósito de Concentrados Alemães em Angra do Heroísmo não conhecia nenhum caso a 18 de novembro, para no dia seguinte já ter mais do que um. Sob observação, os prisioneiros alemães acabavam por ser um grupo privilegiado quando comparados com a população. Contudo seria uma questão de tempo até serem contagiados.

Em Ponta Delgada, o Alto-comissário da República nos Açores (ACRA) requisitou todos os edifícios necessários ao combate à epidemia, articulando com o governador civil e o Ministério da Guerra. Simas Machado descreveu ao ministro o esforço como hercúleo, valorizando o envolvimento dos soldados num serviço que regista como violento e exaustivo. Até a comunicação social lhes rendia homenagem. As preocupações das autoridades não se limitavam ao tratamento dos enfermos e enterro dos mortos. Mesmo com poucas dotações orçamentais, desinfetavam-se e caíam-se edifícios para servir como hospital ou alojamento temporário, procurando no mercado mantas, enxergas e roupa. Era também urgente alugar carros para o transporte de doentes e melhorar a assistência médica dos sargentos e oficiais, o que nem sempre foi fácil dada a relutância de se transportar infecciosos, sem qualquer tipo de proteção.

Por esta altura, já o Comando Militar da Horta (CMH) se preparava para o embate da Pneumónica no Faial. Apesar das quarentenas a bordo, o flagelo inevitavelmente penetrou na ilha propondo-se a criação de uma secção própria para os epidemiados junto à enfermaria militar, a funcionar na antiga colónia alemã agora requisitada para esse fim. Contudo, tornava-se necessário desbloquear a verba para a instalação dos serviços correlativos e de recomendação. A resposta governamental tardou e na sua ausência, a ex-colónia alemã serviu de quartel da nona Companhia para além de enfermaria provisória. Rapidamente lotada, passaram os soldados doentes a permanecer nos dormitórios das companhias, agravando a proliferação da doença. Estava-se a 26 de novembro e a epidemia ainda tinha carácter benigno, mas já medicamentos escasseavam e os farmacêuticos começavam a ficar doentes. Das outras ilhas e por indicações do ACRA chegaram quatro cabos enfermeiros e três soldados maqueiros, deixando-se em Angra do Heroísmo um sargento - enfermeiro, três cabos e três maqueiros. Aparentemente e fora do campo de prisioneiros alemães, este seria o quadro de especialistas militares no apoio à luta do “Influenza”. O Alto-comissário, embarcado no NRP “Vasco da Gama” acompanhava o desenrolar da situação, a par e passo.

Em São Miguel já a enfermidade regredia. Apesar de não se conhecerem trabalhos de fundo sobre a devastação nas ilhas, o seu impacto não será di-



Cartaz de apresentação de exposição no “Torquay Museum”, Inglaterra (www.englishriviera.co.uk) De má memória, a Pneumónica ou Gripe Espanhola de 1918 está a ser alvo de conferências e exposições por todo o planeta. Os Açores também participam de ambas as formas, em novembro na Horta e em dezembro em Ponta Delgada.



Outro modelo de máscara anti-gripe. Apanágio das famílias mais abastadas, a sua eficácia era como toda a ciência da época, duvidosa (www.getscience.com).

ficil de imaginar. O apoio do Ministério da Guerra de Sidónio Pais foi relativamente rápido, provavelmente pelo facto da epidemia ter ocorrido primeiro no continente e sem dúvida pela intervenção direta do ACRA. A criação de um fundo de despesas excepcionais permitiu às unidades não só o pagamento de medicamentos e de materiais de enfermagem, como de outras despesas entretanto inflacionadas e relacionadas com os funerais das praças falecidas. A 21 de dezembro, o Posto de Socorros da delegação da Cruz Vermelha em Ponta Delgada estava já desocupado e desinfetado, procurando-se um regresso à rotina. A gripe que grassara durante os meses de outubro e novembro saldara-se pelo internamento de 250 soldados provocando a morte a treze. Com capacidade para 182 doentes, o número de entradas máximas por dia foram de 26, em contraste com 23 saídas. De salientar também o apoio americano, tido como crucial. O “Correio dos Açores” ao anunciar a morte do Almirante Herbert OwarDunn em 1939 homenageia-o dizendo que graças à sua intervenção, a mortalidade na ilha não havia superado os 2.000 mortos. O almirante havia enviado um destroyer a Gibraltar para resgatar medicamentos em falta.

Com o regresso à normalidade, em inícios de dezembro, o ACRA autorizou a saída da ilha de um aspirante médico e a revista às tropas territoriais da Ribeira Grande e de Vila Franca do Campo. Um

pouco por todo o lado, começavam os agradecimentos, em especial do governador civil a todos os que se haviam notabilizado no combate à epidemia, abrindo-se subscrições públicas a favor dos epidemiados. Uma semana depois o Regimento de Infantaria n.º 26 recolhia as praças, dando como oficialmente extinta a epidemia.

Em Angra do Heroísmo a situação mantinha-se grave, com fortes possibilidades de piorar. O “Influenza” grassaria com bastante violência, em muitas freguesias até ao final do ano, encontrando-se em desenvolvimento nas outras ilhas. Tentava-se a todo o custo isolar o Hospital de Isolamento recorrendo-se, por solicitação do governador civil, a sentinelas militares. A “Espanhola” não era a única a matar, detetando-se também a peste bubónica no Depósito de Concentrados Alemães, o que não é de admirar porque o rato proliferava pelos esburacados estratos de madeira do forte (e do resto da ilha). Neste período predominante, a gripe “Espanhola” sobressaiu num conjunto de doenças ditas “tradicionalis” como Mont’Alveme de Sequeira refere no seu relatório de três de junho de 1919: “[...] Os óbitos por tumores malignos em 1918 foram 26 (...); as participações de doenças infecciosas, por mim recebidas (...) foram 406 (...) que se distribuem assim: febres tifóides 32; sarampo 236; escarlatina 4; tosse convulsa 16; difteria 54; tuberculose pulmonar 55; tuberculose

das meninges 2; tubo da laringe 2; escrofulose 2; meningite cerebrospinal 4. Os factos ocorridos nos primeiros meses deste ano, logo a seguir à epidemia gripal, põe bem em evidência o perigo em que vivemos, constantemente ameaçados pela peste, varíola, escarlatina, tifo exantemático, meningite cerebrospinal, etc., doenças exóticas, qual delas a pior, e que só não devastarão a ilha, visitando-a inesperadamente, se os serviços sanitários forem organizados de forma a opor a esses morbos todos os processos de defesa facultados pela higiene e pela profilaxia moderna [...]”. Sobre o apoio da capital, refere: “[...] a metrópole não chega a olhar por nós, e nós não podemos deixar de lhe abrir os olhos, gritando-lhe aos ouvidos a máxima do direito público romano: Salus populi suprema lex esto (“Que a salvação do povo seja a lei suprema”) [...]” (Rezendes, 2016).

Apesar da gripe estar quase extinta na Horta em inícios de 1919, subsistia ainda com violência por todas as freguesias da ilha, assim como no Pico, fazendo recetar a incorporação de recrutas do Regimento de Infantaria n.º 25 em Angra do Heroísmo. O comandante militar da Horta considerava-a quase oficialmente extinta a catorze de janeiro e a 29 pedia autorização para recolher as praças da companhia do Serviço de Saúde. Em Ponta Delgada, eram já permitidos os ajuntamentos populares, pelo que em reunião da direção da delegação da Cruz Vermelha, o presidente Luis de Bettencourt de Medeiros e Câmara, dava em primeiro lugar as felicitações aos presentes, por terem escapado à moléstia.

Cem anos volvidos, será de destacar a importância nos Açores dos portos como portas de entrada destas moléstias. Hoje seriam os portos e os aeroportos. Habitados a doenças como a tuberculose ou a febre tifóide, a população e as autoridades não se encontravam preparadas para a hecatombe que se abateu sobre o arquipélago. Aliás, ninguém no planeta estava. Apesar da memória de gripes e surtos similares, não se esperava uma tal violência agravada pela inexistência dos meios necessários para a debelar. Morreram mais soldados de gripe “Espanhola” do que pelo conflito (dada a mobilidade alcançada pela Revolução Industrial) e ainda mais civis.

O flagelo ainda hoje existe, com variantes pensadas a causar o pânico no século XXI. De acordo com os estudos publicados, a gripe espanhola de 1918-19 teve origem em aves, disseminando-se durante 1918 e o início de 1919. Com exceção de poucas ilhas do Pacífico (e Santa Maria), toda a população mundial esteve exposta à doença, contraindo-a metade dos habitantes. Estudos de meados da década de 1990 procuraram vítimas enterradas de forma célere em áreas geladas e cujos pulmões estavam ainda agitados pelo vírus. O estudo dos vestígios genéticos do agente assassino, identificaram-no como sendo o vírus “Influenza” subtipo A, H1N1, parente do vírus da gripe das aves, subtipo H5N1.

“[...] A herdeira da gripe de 1918 é uma das mais fracas que hoje andam por aí [...]” (NGS), são afirmações complementadas por outros dois surtos identificados em 1957 e 1968 embora com menores repercussões. Sabe-se que um dia, uma nova pandemia de gripe aparecerá e que haverá de passar, sendo essencial o controlo sanitário dos pontos de entrada nas ilhas, aliás como aconteceu com a gripe das aves em 2009. Da mesma forma, a questão no futuro será perceber como se dará a transição do vírus das aves para o Homem, uma vez que em 1918 “[...] o vírus da gripe espanhola passara recentemente aos humanos, devendo de um animal, de origem desconhecida, deixando as vítimas com pouca imunida-